



O PAPEL DA EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL: EDUCAÇÃO NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

Rosane Kloh Biesdorf*

RESUMO

A educação informal sempre ocupou um papel fundamental na sociedade, é ela que norteia o bom relacionamento entre os indivíduos. Já a educação formal possui a função de preparar o educando para atuar efetivamente junto á sociedade, para tanto oferece o conhecimento científico. Na atualidade percebe-se que a educação informal parece pouco importar, a família esta deixando para que a escola eduque os seus filhos, já a escola esta limitada e não preparada para esta função. O educador esta preparado apenas para atuar no processo de ensino-aprendizagem, quando este se depara com atos de indisciplina em sala de aula, sente-se limitado, e seu trabalho é fortemente prejudicado. Educandos, com problemas de relacionamento e indisciplina em sala de aula, são frutos de uma sociedade onde a família esta repassando à escola o papel de educar, estabelecer limites, já a escola não esta preparada e não possui autoridade para tal ato.

Palavras-chave: educação; indisciplina; escola; família; educador.

ABSTRACT

The informal education has always played a crucial role in society, it is what guides the good relationships between individuals. On the other hand formal education has the task of preparing the student to work together effectively to society, for this offers to the scientific knowledge. At present time it is clear that informal education seems to matter little, the family is leaving for the school to educate its sons, but the school is limited and not prepared for this function. The educator is prepared to act only in the teaching-learning process, when he is faced with acts of indiscipline in the classroom, he feels limited, and his work is strongly affected. Students, with relationship problems and indiscipline in the classroom, are fruits of a society where the family is passing to the school the role of education, setting limits, but the school is not ready and has no authority for this act.

Keywords: education, indiscipline, school, family, educator.

*Mestranda em Educação (UFSCar). Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes-Plásticas. (UNOESC). rosane_kloh@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A educação possui um papel fundamental perante a sociedade. Na atualidade, vive-se uma crise: por um lado, a nova estrutura familiar não mais está educando os filhos, repassando este papel à escola; já a escola não assume este papel, e nem está preparada para esta função.

São frequentes as reclamações de pais, professores e de toda a sociedade de que as crianças e os adolescentes não conhecem limites, não estão educados. É na escola que esta indisciplina mais se evidencia, pois é lá que o educador sente os reflexos em suas aulas. Atos de indisciplina em sala prejudicam o processo de ensino-aprendizagem, tornando a atividade de docente junto aos educandos desafiadora. O educador tem um grande desafio em sua atividade: dar significação à sua aula, despertando o educando para o real objetivo de se estar no ambiente escolar.

O educando, por vezes, demonstra sua desconsideração para com o educador, para com os colegas e as atividades propostas, apresentando atos indisciplinados e mostrando-se indiferente às propostas, sendo frequentemente necessário que o educador traga-o para vivenciar o momento.

O objetivo da educação, de acordo com Libâneo, é (1994, p.17) “[...] prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.” A educação, seja ela formal ou informal, busca repassar e proporcionar aos indivíduos conhecimentos e comportamentos que os tornem aptos a atuarem em todos os setores da sociedade.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA O SER HUMANO

A educação faz parte da vida de cada ser humano. Ao nascer, a pessoa é inserida em um grupo social onde existe uma cultura e esta cultura também norteará os rumos que a educação das pessoas deste grupo social deverão seguir. Segundo Read (2001, p.9), “Pressupõe-se, portanto, que o objetivo geral da educação seja propiciar o crescimento do que é individual em cada ser humano, ao mesmo tempo em que harmoniza a individualidade assim desenvolvida com a unidade orgânica do grupo social ao qual o indivíduo pertence.” Desta forma, percebe-se que a educação informal de uma pessoa será definida pelo ambiente em que ela vive, ou seja, trata-se de uma herança cultural.

Read (2001) destaca que a educação tem dois objetivos: O homem deveria ser educado para tornar-se o que é, e deveria ser educado para tornar-se o que não é. O ser humano deve ser quem ele é - cada indivíduo tem suas características próprias, as quais devem ser mantidas, porém, o indivíduo também possui características não convenientes, como os instintos, os quais deveriam ser eliminadas por meio da educação, para o bem de toda a sociedade.

Para Libaneo (1994, p.16-17) “A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de toda a sociedade.” Desta forma, percebe-se a educação como um requisito para o homem ser aceito em um grupo. Seus costumes e valores devem estar de acordo com os do grupo. Do contrário, seus atos serão considerados inadequados para com o grupo.

Ao perceber que não sabe, o ser humano tem a tendência natural de buscar meios de aprender, já que é dotado de inteligência e, em consequência, de curiosidade. Associando esses dois atributos, pode surgir a criatividade, que fornece a base para as grandes invenções da humanidade. O espírito aventureiro instiga às descobertas.
TIBA (1998, p.46)

A educação humana segue uma evolução histórica, é transmitida de geração a geração e foi sendo adaptada conforme as necessidades humanas. Para Osinski (2002, p.7) “É o homem, com sua conduta, seus comportamentos e atos, quem faz a história, a arte e transmite seus conhecimentos por meio do ensino, formal e informal, perfazendo o caminho de um processo evolutivo e progressivo denominado educação.”

A família é a principal instituição responsável pela educação informal, através da qual são ensinados os costumes humanos como falar, andar, comer, religião, cultura... Já a escola é a instituição responsável pela educação formal, local onde acontece a mediação dos conhecimentos científicos. Para Siqueira (2004, p.43) “A pessoa se educada se constrói em diversos ambientes – a escola é mais um ambiente que se soma a estes outros – e a partir de diversas experiências.” A escola tem a função de oferecer uma formação pela qual o educando torna-se capaz de fazer análises científicas, críticas e reflexivas a respeito dos temas.

Para Gandin (1995), a educação formal escolar possui três objetivos básicos: a formação da pessoa humana, o desenvolvimento da ciência e o domínio da técnica, sendo estes três fatores indispensáveis para que o homem consiga se inserir numa sociedade e viver de acordo com as regras desta sociedade.

Esses três fins tem relação com as necessidades humanas mais fundamentais: a

ciência é o meio indispensável para compreender a realidade, a técnica é utilizada para transformar essa realidade, visando o bem estar, e a formação é entendida aqui como elemento básico na realização da identidade das pessoas e dos grupos, incluindo a própria utilização da ciência e da técnica. GANDIN (1995, p.96)

Neste sentido, parafraseando Libaneo (1994), a educação escolar é um sistema de instrução com propósitos intencionais já pré-estabelecidos. Pela educação escolar democratizam-se os conhecimentos e é na escola que se adquire conhecimentos científicos que formam a capacidade de pensar criticamente os problemas e desafios postos pela realidade social.

É também na escola onde acontece todo o processo da educação formal, sendo o docente o elemento que faz a intermediação entre o conhecimento e o educando.

Na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognitivas. (LIBANEO, 1994, p.177)

O professor torna-se o principal responsável pela educação formal e, conforme Read (2001, p.6), “O objetivo da educação, portanto, só pode ser o de desenvolver, juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo.” Desta forma, o ensino formal necessita preocupar-se também com a formação da personalidade como um todo do aluno. Siqueira (2004, p.46) nos coloca que “A educação pautada no depósito de informações contrasta com outras formas de educação. Nestas, aprendemos o que nos faz sentido, atribuindo-lhes significado. Neste contexto, a educação é entendida como emancipação, humanização, um ato de cuidado para com o outro e a outra.” A educação não poderá resumir-se à educação científica - ela tem o papel de tornar o ser humano apto a pensar e agir frente aos acontecimentos da sociedade.

Segundo Libaneo (1994, p.22) “O campo específico de atuação profissional e política do professor é a escola, à qual cabem tarefas de assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo”. Sendo esta a tarefa do professor, então este necessita cumprir seu papel de educador, já que é um dos responsáveis pelo bom andamento do processo educacional.

O professor, além de seu papel de fazer o elo de ligação entre o conhecimento e o educando, deve, através de suas palavras, atos e ações, ser um exemplo ao educando.

O educador precisa ter os objetivos bem definidos ao trabalhar cada conteúdo em sala

de aula, de forma a despertar no aluno a sua importância, pois é na relação professor-aluno que se dá a mediação deste conhecimento. Para Libaneo (1994, p.142) “Os conteúdos devem expressar objetivos sociais e pedagógicos da escola pública sistematizados na formação cultural e científica para todos. [...] basicamente, esse é o critério que definirá se os conteúdos são importantes ou não.”

Na atualidade, segundo Aguiño (1996), a educação não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão somente um dos eixos que compõem o processo como um todo. Porém, algumas funções adicionais lhe vêm sendo delegadas no decorrer do tempo, funções estas que ultrapassam o âmbito pedagógico e que implicam o (re)estabelecimento de algumas funções que a escola não está inteiramente preparada para assumir. Na realidade social, na qual pais trabalham, deixando a criança cada vez mais cedo e por um tempo maior sob a responsabilidade de terceiros e da escola, esta criança encontrará na escola uma realidade onde deverá respeitar limites, limites estes que a família não lhe ensinou. Para Aguiño (1996, p.40) “[...] o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc.”, obstáculos estes criados pela falta de limites que deveriam ser ensinados pela família, pois é nela que se dá a educação inicial da criança.

A escola, hoje inserida em uma sociedade globalizada, em constante transformação, deve preparar o educando para as mudanças políticas, culturais e sociais. Para Ferreira (2001, P.22) “Sem dúvida, um dos mais importantes objetivos da educação é contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ajudar os alunos a se tornarem moral e intelectualmente livres, aptos a pensar e agir de forma independente.” Esta independência, este pensar livre e responsável, só será possível quando o educando compreender sua responsabilidade no pensar e no agir.

A prática educativa em nossa sociedade, através do processo de transmissão e assimilação ativa de conhecimento e habilidades, deve ter em vista a preparação de crianças e jovens para uma compreensão mais ampla da realidade social, para que essas crianças e jovens se tornem agentes ativos de transformação dessa realidade. (LIBANEO, 1994, p.151)

Para Martins e Picosque e Guerra (1998, p.145), “Mais que um espaço físico, a sala de aula é o lugar onde o professor e seu grupo de aprendizes habitam, pois imprimem nela as marcas do convívio da vida pedagógica.” O papel de professor na escola não se resume a transmitir conhecimento, mas sim despertar no aluno o desejo de saber, a curiosidade, e será isso o que despertará o educando para a importância de aprender.

A indisciplina é um dos fenômenos mais marcantes em sala - crianças e adolescentes que parecem não conhecer limites, que parecem ver o colega e o professor com indiferença, como se eles não estivessem na mesma condição. Tiba (1998) nos coloca que hoje a escola assume outro papel diferente do seu original. A escola deve educar quem não conhece “boas maneiras” e reeducar aqueles que sabem, mas não aplicam seus conhecimentos. Desta forma, percebe-se que a educação possui uma grande função social para com as novas gerações.

Por momentos torna-se difícil compreender atitudes de colegas. Existe uma falta de respeito entre os educandos, tornando-se necessário chamar-lhes a atenção, e pedir-lhes para que colaborem com a aula. Taille (1996, p.10) nos diz que a “Disciplina é bom porque, sem ela, há poucas chances de se levar a bom termo um processo de aprendizagem.” Os atos de indisciplina em sala, além de prejudicarem o educando que é o causador do fato, prejudicam o bom andamento de todas as atividades e, conseqüentemente, os colegas, como nos coloca Aguiño (1996, p.40) “Os relatos de professores testemunham que a questão disciplinar é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar.” Desta forma, os atos de indisciplina são um dos motivos do fracasso no processo de ensino-aprendizagem.

A escola parece não ter poder de impor regras sobre o aluno - as poucas que existem geralmente são desafiadas, como nos coloca Tiba (1998, p.119) “A falta de regras claras por parte da escola favorece o abuso dos alunos em proveito próprio e acaba expondo pessoalmente o professor”. Professor este que, em muitas ocasiões, não consegue desenvolver sua aula conforme o planejado, pois alunos o impedem de desenvolver o seu trabalho, com atos que demandam a maior parte da atenção do educador.

Percebe-se que a educação informal de uma pessoa será definida pelo ambiente em que ela vive, ou seja, esta educação é uma herança cultural. TIBA (1998, p.125)

É a geração do “tanto faz”: tanto faz passar de ano, estar ou não de castigo, falar ou não com os pais. Nada parece atingir o aluno, que é vítima de erros educativos, pois seus pais lhe deram tudo de bom e do melhor, mesmo que nada pedisse, para que ele não sofresse, tivesse tudo, sem arcar com responsabilidades e compromissos.

Em muitas ocasiões, os educandos falam o tempo todo, alguns se batem com régua, beliscam os colegas e, assim, o educador passa uma parte de sua aula buscando resolver estes conflitos entre colegas. Quando nos deparamos com diversos atos de indisciplina em uma sala, nos questionamos: o que acontece com estas crianças e adolescentes que os faz serem tão indisciplinados? Quem está falhando nesta educação? De acordo com Tiba (1998, p.15), “A educação das crianças, que tradicionalmente cabia aos pais, hoje está sendo dividida com a escola.” Neste caso, parece-nos que a tarefa de educar está sendo totalmente repassada à

escola - o educador, ao entrar em sala, não está mais preocupado apenas com o conteúdo a ser trabalhado, mas muito também em dar uma educação informal aos educandos.

A família é a principal instituição responsável pela educação informal, na qual são ensinados os costumes humanos, como falar, andar, comer, religião, cultura... Já a escola seria a instituição responsável pela educação formal, local em que seriam construídos os conhecimentos científicos, e esta ainda tem a função de oferecer uma formação onde o ser torne-se capaz de fazer análises científicas, críticas e reflexivas a respeito dos temas. Contudo, para Tiba (1998, p.15), “Não adianta a escola atribuir a educação de seus alunos aos respectivos pais, nem os pais exigirem da escola tal função. A situação é conflitiva e temos de ajudar a resolvê-la, para o benefício de uma geração.”

Muitas vezes, em sala de aula, são poucos os que tentam prestar atenção na aula que o educador está ministrando e, por diversas vezes, torna-se necessário que este chame a atenção dos educandos para a aula, pois parecem pouco interessados no que o educador está lhes apresentando. Tiba (1998, p.126) nos coloca que “[...] O adolescente não reconhece a entrada do professor, que é obrigado a fazer malabarismos para atrair a atenção da classe, não diz obrigado, levanta-se e interrompe a aula sem pedir licença.”

O educador vê-se atualmente em uma sociedade em profundas transformações sociais, políticas e econômicas, sendo que tais transformações causaram também uma desestruturação familiar. Pesquisas apontam que a maioria dos pais dos educandos trabalham fora de casa, deixando os filhos sozinhos e não tendo muito tempo para conversar com eles. Com estas crianças o educador terá o papel de conciliar a realidade social com a educação. O profissional da educação irá se deparar com inúmeras situações em que ele fará o papel, além de educador, de pai, mãe, psicólogo, médico...

Para Aguino (1996), a indisciplina é um sintoma que aflora no ambiente escolar, afetando a relação educativa. Ela acaba desnorteando o trabalho escolar. Aguino (1996, p.45) ainda coloca que “[...] a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar novas formas de existência social concreta, personificadas nas transformações do perfil de sua clientela”. Como nos coloca o autor, o que é um fato no ambiente escolar, a escola e os educadores não acompanham as mudanças sociais, o que causa um conflito, justamente quando crianças, adolescentes e jovens desta nova sociedade vão até a escola e encontram um sistema educacional por eles considerado obsoleto. O educando de hoje não quer ter um educador que “ensine” a matéria - ele vai até a escola a espera de um educador que o encaminhe na busca do conhecimento, que complete os vazios em que se encontra. Porém, não podemos desconsiderar que há

educadores que efetivamente procuram preencher as expectativas do educando, como também há educandos que vão até a escola sem objetivo algum. Para Taille (1996, p.22), “A indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente à falhas psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa”.

Turmas com muitos conflitos causam reclamações frequentes por parte dos professores, e estes não sabem qual atitude tomar para manter o respeito entre os colegas. Para Tiba (1998, p.22), “Às deficiências do método de ensino soma-se outro problema grave: a falta de respeito por parte dos alunos. A educação para uma convivência social entre jovens e professores não existe mais.” Neste aspecto Taille (1996, p.20) complementa “[...] vários atos de indisciplina traduzem-se pelo desrespeito, seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar.”

O educando parece não reconhecer a figura do professor como uma autoridade, pois vem de uma sociedade, de uma cultura, nas quais, não lhe é cobrado o respeito - chega a uma sala e quer tratar o educador como um fantoche, o colega como um personagem de seus jogos de videogame, de desenho animado e, no momento que ele sente a intervenção em suas atitudes, não reconhece seus erros. Educandos discutem em sala, lançam palavras que ofendem o outro, sendo necessário que o educador intervenha para evitar que ele partam para a agressão física. Segundo Read (2001, p.60), “O objetivo da educação é assistir a criança nesse processo de aprendizagem e maturação, e a questão é se nossos métodos educativos são próprios e adequados para esse propósito”. O educador parece, em muitas situações, estar de mãos amarradas, já que não tem coragem de usar sua “autoridade” junto aos educandos por sentir-se ameaçado, pois estes utilizam-se de órgãos de proteção para se defender, como o Conselho Tutelar, ou até para chantagear, dizendo ao educador coisas do tipo: “você não manda em mim, você não é meu pai etc”. Mas quem os educará, se os pais não estão dando a devida atenção à educação de seus filhos? Em geral, os educadores têm receio de intervir no comportamento dos educandos. Libaneo (1994, p.47) nos coloca que, no que diz respeito ao professor, “sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política”.

Duarte Júnior (2002, p.79) nos coloca que “Contudo, como a nossa crise é fundamentalmente uma crise de conhecimento [...]” desta forma a escola possui o compromisso social de oferecer ao educando o conhecimento e a sabedoria de que este necessita.

O espaço da sala de aula, hoje, oferece diversos desafios, tanto aos educadores como

também aos educandos. Estamos vivendo um momento em que o ambiente externo à escola oferece inúmeros atrativos à criança e ao jovem. Também vivemos um momento em que a sociedade passa por diversas transformações, de ordem política, econômica, familiar... A escola hoje, para Martins, Picosque e Guerra (1998), é mais que um espaço físico - é o lugar onde o professor e educandos habitam, pois imprimem nela as marcas do convívio da vida pedagógica. Apesar de todas estas transformações, continua sendo em sala que acontece a construção do conhecimento. Porém, esta construção é frequentemente prejudicada, pois o educador necessita voltar sua atenção à questão de relacionamento e disciplinares, hoje comuns em sala de aula, o que ocupa parte do tempo de sua aula.

Markert (2009, p.14) nos coloca que, para solucionar problemas relacionados à indisciplina em sala, “Precisamos de atividades político-pedagógicas que somente podem ser desenvolvidas e executadas através de um trabalho conjunto de profissionais de áreas diversas.” A criança e o adolescente, em muitas ocasiões, não possuem atividades e uma convivência saudável, e isso faz com que aumentem os atos de indisciplina pelos mesmos

De acordo com Osinski (2002, p.7) “É o homem, com sua conduta, seus comportamentos e atos, quem faz a história, a arte e transmite seus conhecimentos por meio do ensino, formal e informal, perfazendo o caminho de um processo evolutivo e progressivo denominado educação.” A educação que se origina no seio familiar parece estar adoecida, e a criança vem até a escola adoecida de educação, sendo que esta parece não conhecer limites, não reconhecer nos colegas e educadores pessoas dignas de respeito. Muitas vezes os pais estão repassando para a escola a tarefa de educar aquele pequeno ser. A escola está assumindo dois papéis - o ensino formal, sendo esta sua função original, e o ensino informal, o qual parece demandar muito mais tempo e dedicação por parte dos educadores, educadores estes que não chegaram na escola preparados para esta tarefa. Com esta situação, o ensino formal deixa uma lacuna em aberto.

O ensino formal encontra um educando considerado livre para expressar-se, porém, este não usa esta liberdade, e não entusiasma-se em procurar conhecimento, já que fica esperando apenas que o educador lhe repasse a informação. A maioria dos educandos se dão por satisfeitos com este saber e, de acordo com Fuzari e Ferraz (1993, p.49), “No encontro que se faz entre cultura e criança, situa-se o professor, cujo trabalho educativo será o de intermediar os conhecimentos existentes e oferecer condições para novos estudos.” Se a tarefa do educador é intermediar o conhecimento, por que os nossos educandos não preocupam-se com a construção do seu conhecimento?

Conforme Markert (2009, p.1), “As abordagens sobre a formação de profissionais de

educação se preocupam sempre mais com questões que tratam do seu agir no mundo e da sua responsabilidade para com o futuro dos alunos.” A tarefa do educador está sendo alterada: à sua função original de contribuir com a formação do conhecimento do educando acrescentou-se várias outras, o que lhe demanda mais tempo e energia que sua função original. O educando não chega mais na escola com a finalidade de aprender - ele vem porque o sistema educacional assim o obriga.

Nas situações de discussão entre educandos, por diversas vezes torna-se necessária a intervenção do educador para evitar que educandos partam para a agressão física. Fatos desta natureza fazem o educador questionar-se acerca de sua função junto aos educandos.

O educador necessita oferecer atividades motivadoras para que o educando participe efetivamente das propostas. Referindo-se ao professor Duarte Júnior Jr. (2003, p.220), este nos coloca que: “A ele compete, sem dúvida, despertar e aprimorar a sensibilidade dos educandos, munindo-se do necessário espírito crítico para lhes apontar o quanto certas experimentações mais lhes moldam a percepção e manipulam seus sentidos do que lhes abrem novas maneiras de sentir a vida e o mundo ao redor”. Neste sentido, Martins, Picosque e Guerra (1998, p.129) também destacam que “É do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes. Brilho que reflete também o olhar do mestre”.

Alguns educadores dirigem-se até a sala utilizando-se apenas de livros didáticos, os quais há anos fazem parte do trabalho destes professores. Do outro lado está um educando que tem acesso a diversos meios de informação, mais atrativos, mais modernos. O educador necessita conhecer as novas metodologias de ensino, utilizar-se delas, e dar liberdade para que o educando também traga à sala novas metodologias. Conforme Duarte Júnior Jr. (2003, p.215), “[...] a excessiva preocupação com o estabelecimento de metodologias educacionais, [...] além de se revelar como uma das faces da própria razão instrumental, acaba por tolher a criatividade do educador e por se transformar numa coleção de fórmulas e receitas prontas que se afastam rapidamente de suas intenções originais.” O educando, sendo um ser criativo e tendo a oportunidade de usar e expressar essa criatividade em sala, certamente ajudará o educador em sua tarefa, evitando que a aula parta e dependa inteiramente das ações deste.

Se o objetivo da escola é formar um educando crítico, pensante, atuante na sociedade, então dela deve partir este comportamento para com o educando. Se ela quer ter este futuro cidadão com estas características, dela deverá partir este comportamento para com o educando. Segundo Gandin (1995), “a educação deve planejar e decidir que tipo de sociedade e de homem se quer e, em consequência disto, ela deve decidir que tipo de ação educacional é necessária para alcançar seu objetivo”.

De acordo com Duarte Júnior Jr. (2003, p.221), “Assim, dar atenção aos sentidos e auxiliar o seu refinamento, seja com base na miríade de estímulos e maravilhas dispostas pelo mundo ao nosso redor, seja através dos signos estéticos que a arte nos provê, tocando a nossa sensibilidade, constitui uma missão fundamental para o educador”. O educador em Arte poderá valer-se das vivências de seus educandos para definir as formas de trabalho. O educando possui mais interesse e se engaja mais com atividades que estejam próximas a ele - de nada adiantará o educador querer “usar” fórmulas, modelos prontos com seus educandos, pois isto não despertará nele o seu poder criador. Neste sentido, Osinski (2002, p.100) nos coloca que “O professor deve desempenhar o papel de animador, tendo flexibilidade suficiente para perceber os interesses das crianças e capacitar as ações para esse fim. Sua experiência com a prática artística é considerada de grande importância para que a troca de experiências com os alunos possa se realizar com fluidez”.

Segundo Best (1996, p.9), “As artes podem ter uma influência social e educacional, então devemos reconhecer que podem ser uma força de encorajamento de atitudes construtivas ou destrutivas. Este aspecto das artes revela a imensa e inevitável responsabilidade dos professores.” Desta forma, é tarefa do educador encaminhar as propostas de forma a contribuir na formação do educando.

O educador necessita ser um mestre para seu educando, e não um simples professor. O mestre não se preocupa apenas com o seu cronograma de conteúdos a repassar - se preocupará muito mais com seu educando que vem até a escola para que este faça a diferença na sociedade. Tiba (1998, p.63) nos coloca que “O mestre é um professor evoluído. Ultrapassa a função de ”transmissor da matéria” ao descobrir um jeito particular de passar as informações. Pode ser inclusive um tema paralelo. Só que, ao recordar o paralelo, o discípulo lembra também a matéria.” Desta forma, o que o mestre constrói junto a seus educandos não será lembrado apenas até o término do ano letivo, mas sim por toda a vida do educando, pois este transformará este conhecimento em sabedoria, sabedoria esta usada para fazer a diferença na sociedade em que ambos vivem.

REFLEXÕES FINAIS

A sociedade atualmente está passando por profundas transformações - famílias desestruturadas, pais que trabalham o dia todo, as crianças estão desamparadas, cada vez mais cedo sendo colocadas nas escolas para ali serem educadas - a escola passou a assumir compromissos que antes não eram de sua responsabilidade, mas ela não está preparada para

esta função. A família tem o dever e a responsabilidade de dar à criança a educação informal, sendo a escola a responsável pela educação formal. Do contrário, todo o sistema de ensino será prejudicado.

A prática pedagógica deve ser focada nas necessidades dos educandos sim, porém, não se pode admitir atos de indisciplina no ambiente escolar. Ser educador é um desafio - é necessário dedicar-se e acreditar na educação como elemento de transformação social.

REFERÊNCIAS

AGUINO, Julio Groppa. (org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas**. 4ª ed. São Paulo: Summus editorial. 1996.

BEST, David. **A racionalidade do sentimento: o papel das artes na educação**. Portugal: Porto Codex, 1996.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Itinerario de uma crise: A modernidade**. Curitiba: Ed. Da UFPR. 2ª ed. 2002.

_____, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação do sensível** 2ª edição. Curitiba: Criar edições Ltda, 2003. 225p.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3ª edição, Campinas: Papyrus, 2001.

FUZARI, Maria Helismina; FERRAZ, Maria Heloisa. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo. Cortez, 1993, 2º edição. 135p.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como pratica educativa**. 8º ed. São Paulo: Edições Loyola. 1995.

GUERRA, M. Terezinha Telles; MARTINS, Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa. **Didática do Ensino da Arte: A língua do mundo, Poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998. 200 p.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARKERT, Werner. **Formação de professores e reflexividade dialética à luz da teoria crítica** – UFC. GT: Formação de Professores / n. 08 Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT08-2403--Int.pdf>> Acesso em: 08 de set. De 2009.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte História e ensino: uma trajetória**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins e Picosque Fontes, 2001.366 p.

SIQUEIRA, C. T. **Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no hip hop de São Carlos**. 2006, 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em :
<http://200.136.241.56/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=909>. Acesso em: 08 de set. De 2009.

TAILLE, Ives de la. **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e praticas/ In: AGUINO, Julio Groppa. São Paulo: Summus, 1996.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo:** como superar os desafios do relacionamento professor aluno em tempos de globalização. São Paulo: editora gente, 1998.